

**A EMANCIPAÇÃO FEMININA NA LITERATURA: UMA LEITURA DE  
*UM PAR DE MEIAS DE SEDA*, DE KATE CHOPIN**

**THE FEMININE EMANCIPATION IN LITERATURE: A READING OF  
*A PAIR OF SILK STOCKINGS*, BY KATE CHOPIN**

**LA EMANCIPACIÓN DE LA MUJER EN LA LITERATURA: UNA  
LECTURA DE *UN PAR DE MEDIAS DE SEDA*, KATE CHOPIN**

\*Deisi Luzia Zanatta

\*\*Fabiane Verardi Burlamaque

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo principal analisar a prática de transgressão emancipatória da protagonista do conto *Um par de meias de seda*, da escritora norte-americana Kate Chopin. A metodologia que permeou este estudo se dá por meio de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Para tal contribuem como base teórica os postulados Perrot (1991, 1992, 1998, 2008), Auad (2003) e Beauvoir (1949a, 1949b) sobre a condição da mulher ao longo do tempo. A pesquisa evidenciou que Kate Chopin apresenta a condição feminina no século XIX e, ao construir a sua heroína, Sr. Sommers, engendra nela os pensamentos modernos como escritora e mulher à frente de seu tempo, denunciando, assim, as formas de abuso contra a mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** emancipação feminina, Um Par de Meias de Seda, gênero

## **INTRODUÇÃO**

Katherine O'Flaherty Chopin (1851-1904) foi uma das grandes escritoras norte-americanas do século XIX. Contudo, ao contrário de outros nomes da literatura como Edith Wharton, Jane Austen e as irmãs Brönte, Chopin é relativamente pouco conhecida e difundida entre nós. O que é algo lastimável, tendo em vista, que além de retratar os costumes da sociedade *creole* de New Orleans, no século XIX, suas obras e contos são relevantes para os assuntos sobre as questões femininas nos dias de hoje. Este trabalho propõe uma possível análise da prática emancipatória da protagonista do conto *Um par de meias de seda*, que vítima da dominação patriarcal, busca se libertar do destino que sobre ela pesa.

---

\*Docente do Instituto Educacional de Santa Catarina - Faculdade Jangada. Mestre em Letras (Universidade de Passo Fundo). Doutoranda em Letras (Universidade de Passo Fundo).

\*\*Doutora em Letras (Teoria Literária) pela PUC-RS. Docente do Programa de pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF) e coordenadora das Jornadas Literárias de Passo Fundo.

Levando em consideração que é pela linguagem que a literatura e a cultura se constituem, neste trabalho conduzimos uma análise do conto, dialogando com a teoria que apresenta a condição da mulher ao longo do tempo. A literatura propicia uma re(ordenação) da percepção que os indivíduos possuem do mundo, ampliando os horizontes do leitor. É o que se observa no conto com a personagem Sommers que, ao ter em posse quinze dólares, inicia uma trajetória de emancipação.

A presente pesquisa justifica-se pela pertinência de Kate Chopin no cenário literário e, também, para dar maior visibilidade à literatura norte-americana. Além disso, a história permite um entendimento sobre a condição feminina no século XIX, levando em conta que o objetivo que norteia a pesquisa é o de analisar e refletir sobre a emancipação da personagem principal de *Um par de meias de seda*. O artigo está dividido em duas seções. Na primeira, apresentamos a condição da mulher ao longo dos anos; na sequência, analisamos o enredo do conto fazendo um cotejo com a teoria que embasa esse trabalho e, por último, as considerações finais.

## A CONDIÇÃO DA MULHER

Por muito tempo, a representação dos homens e mulheres e das relações entres eles tem o caráter de reservar à mulher a condição de inferioridade, principalmente na esfera pública, em que se percebe nitidamente a divisão entre os sexos. Ao homem era reservado o espaço público, a intelectualidade, as relações públicas de trabalho e também sociais. A mulher era vista como propagadora da moralidade e da religião, devendo ser discreta, silenciosa, submissa e somente atuar na esfera do lar.

Segundo a Bíblia (1982, capítulo 2, versículo 7-23, p. 5), no livro do Gênesis, Deus criou o homem e, depois, a mulher:

O Senhor Deus formou, pois o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente [...]. Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez a mulher, e levou-a para junto do homem. “Eis agora aqui, disse o homem, o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem.

A partir do pequeno fragmento retirado do Antigo Testamento, da Bíblia Sagrada, a primeira mulher, Eva, foi feita da costela de Adão, recebeu dele seu nome, caracterizando-se como mãe dos viventes e a glória do homem. Porém, ao longo dos tempos, alguns documentos

históricos apresentam outra versão: Lilith, a primeira mulher, criada em condições de igualdade com o primeiro homem é expulsa do Paraíso, por tentar colocar em prática essa condição. Não se sabe o certo a maneira pela qual o mito de Lilith, primeira mulher de Adão, foi retirado da Bíblia pela Igreja, mas, voltando no tempo, escrituras hebraicas descrevem-na como uma mulher constituída de pó-negro e excrementos, condicionada a ser eternamente inferior ao homem. Na verdade, Lilith foi criada como prole do satânico, gerando, com Adão, seres da mesma natureza. Essa origem demoníaca é atribuída pelo poder patriarcal àquela que “perturbou” durante a noite o sono profundo do primeiro homem, Adão. Sob essa perspectiva, Lilith encarna fielmente um modelo de mulher contrário ao da submissa Eva, embora ambas sempre tenham sido vinculadas ao pecado.

De acordo com Robles (1996), conta o alfabeto Bem Sirá, no século VII, que Lilith, sabendo ter sido criada da mesma argila com a qual Deus fez Adão, ao tomar conhecimento de sua situação de inferioridade em relação ao primeiro homem do universo, indagou: “Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que ser dominada por você? Contudo, eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual”. Todavia, consciente da soberania masculina, Adão negou-se a mudar essa condição. Ao reivindicar direitos de igualdade em relação a Adão, Lilith não foi atendida por Deus e partiu para longe. Voando, foi para as margens do mar Vermelho, passou a residir em meio aos inimigos do Pai Eterno. Foi nesse local que ela assumiu o destino das trevas, transformando-se num demônio, que vaga, vampirizando, disseminando a morte e atormentando todos aqueles que tentam viver o amor.

Assumindo o protótipo do feminino negativo, a imagem de Lilith transfigurou-se para a esfera do submundo, nas deusas Istar, Astarte, Isis, Cibele, Hécate, Lua Negra, até sua imagem assumir a personificação da bruxa, que, durante a Idade Média, foi alvo de uma das mais sangrentas perseguições, registradas pela história.

Várias são as lendas que versam pelo mundo afora acerca de Lilith. Uma delas afirma que seu significado assume a posição do “outro” numa relação amorosa, formando assim um triângulo amoroso – o que se associa com a origem do seu nome, originado do Sumério, o qual significa libertinagem. Para os assírios, ela é um demônio; outros povos afirmam que ela era mulher de Samuel, da qual originam as imagens de Adão e Eva; no Zohar, sua imagem é vista como a soberana dos demônios; na Kabala, corresponde ao 10º sefiroh, Malkuth, que reina no mundo das trevas, mãe do demônio e de todas as perversidades.

Nos espaços das narrativas bíblicas, em terras pagãs, as mulheres eram tratadas como escravas. Na Grécia, por exemplo, elas eram consideradas como seres inferiores, não tinham direito algum. A prática poligâmica e o divórcio fácil ajudaram a relegar a mulher a uma condição de inferioridade. O contrário ocorria na lei judaica, que protegia a mulher contra abusos; por serem as mães do povo de Deus, eram respeitadas por exercerem o mesmo papel que a mãe do Messias.

Os testemunhos de muitas mulheres famosas podem ser encontrados em algumas passagens do Antigo Testamento como o de Judite, a qual libertou Betúlia de Holofernes, e de Ester, mulher de Xerxes, que salvou o povo judeu de um massacre planejado pelo primeiro-ministro Aman. Vale ressaltar que a linguagem bíblica é permeada por aspectos da literariedade; logo, esse processo figurativo é utilizado para dar mais consistência aos fatos.

É impossível negar que as mulheres marcaram presença nas grandes transformações e revoluções da história mundial, direta ou indiretamente. Muitas mulheres deixaram sua marca registrada no destino de algumas nações e, conseqüentemente, suas impressões digitais nos registros históricos. Sobre Joana D'Arc, a mais famosa de todas as bruxas, Muraro (1997, p.113) enfatiza que:

Apesar de ter salvo a França do jugo dos ingleses, ela foi queimada viva simplesmente porque ousava usar roupas masculinas para conduzir os exércitos do seu país à vitória. Os homens, todos eles, do mais pobre ao mais poderoso, não podiam suportar o fato de uma mulher conduzida por um ideal de justiça pudesse competir com eles e desestabilizar as suas regras de conduta, mesmo que fosse para vencer... e muito menos uma mulher pobre, uma camponesa que se supunha fosse a mais submissa das mulheres.

Embora haja registros de mulheres à frente de seu tempo ao longo dos séculos, elas passaram por muitos preconceitos e privações. Desde os primórdios dos tempos, algumas características qualificadas como “naturais” são atribuídas às mulheres: passividade, submissão, maior capacidade emotiva, menor grau de intelectualidade, fragilidade, o que as distinguiam como o sexo frágil. Contudo, essa condição não se perpetuou, como demonstram os estudos relativos às questões de gênero, explorados pela historiadora francesa, Michelle Perrot.

Em 1991, Michelle Perrot lança a obra *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Nessa obra, a autora traça um panorama das concepções sobre o espaço público e privado no século XIX, do qual a sociedade Ocidental é herdeira até os dias

atuais. Segundo a historiadora, as transformações sociais e econômicas iniciadas com a Revolução Francesa até a Primeira Guerra Mundial afetaram o mundo, originando movimentos socialistas, dos quais emergiam novas maneiras de pensar e ideais feministas, fazendo surgir uma nova mulher. Os passos são lentos, mas elas começam uma marcha em direção à luta pelos direitos de igualdade perante os homens, muitos dos quais só são realmente concretizados no século XX, como o trabalho remunerado e o direito ao voto.

Como consequência dessa marcha eclodiu o movimento feminista, o qual reivindicava direitos de igualdade para as mulheres, no campo pessoal, social, cultural e profissional. Viver livremente, com os mesmos direitos e deveres que os homens e não mais serem reclusas ao lar, adquirindo espaço na esfera pública, apresentava-se como uma nova e ampla expectativa de poderem mostrar sua capacidade e força produtiva. Nos dias atuais, em pleno século XXI, ainda há muitos questionamentos sobre a posição ocupada por homens e mulheres na sociedade patriarcal, a qual atribui o domínio das relações públicas e profissionais ao sexo masculino.

Em relação às questões da mulher no espaço público, Michelle Perrot (1998), na obra *Mulheres Públicas*, em diálogo com Jean Lebrun, traça importantes considerações sobre o espaço público reservado ao homem e o privado reservado à mulher. Segundo a autora, “o homem público, sujeito eminente da cidade, deve encarnar a honra e a virtude. A mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria”. (PERROT, 1998, p. 7). Dessa forma, a autora coloca em evidência uma série de questionamentos acerca das fronteiras entre o público e o privado, a poética dos lugares, que reserva para a mulher a família e o lar e para o homem, o prestígio na esfera pública social. Segundo Perrot (1998, p.8):

O lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental, o qual, desde a Grécia antiga, pensa mais energicamente a cidadania e constrói a política como o coração da decisão e do poder. “Uma mulher em público sempre está deslocada”, diz Pitágoras. Prende-se à percepção da mulher uma ideia de desordem. Selvagem, instintiva, mais sensível do que racional, ela incomoda e ameaça. A mulher noturna, mais ou menos feiticeira, desencadeia as forças reprimíveis do desejo. Eva eterna, a mulher desafia a ordem de Deus, a ordem do mundo.

Durante o século XIX, na França, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a população feminina alcançava um índice ativo em atividades de 36%, sendo elas mulheres casadas. Ainda, segundo Perrot (1998), o código Napoleônico era a base legal que regia os contratos

matrimoniais e não considerava a mulher um indivíduo, mas somente um membro da família, que era representado e administrado pelo homem da casa, pai ou marido.

O acesso das mulheres à esfera pública, principalmente ao poder político e religioso sempre foi muito difícil. Até 1944 as mulheres francesas não tinham obtido o direito ao voto, pois a França era o “país da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”. (PERROT, 1998, p. 118). Entende-se, então, que a mulher não era considerada cidadã, por isso o voto não lhe era concedido. Cansadas de lutarem por seus direitos e vê-los tratados com desdém, nas eleições de maio de 1908, um grupo de sufragistas francesas, liderado por Madeleine Pelletier e Hubertine Auclert, toma o exemplo de mulheres inglesas e invade as salas de votação, quebrando vidros e derrubando urnas que só continham votos masculinos. Em 1944, a França consente o direito ao voto para as mulheres, sendo o penúltimo país a praticá-lo. No Reino Unido, o direito ao voto foi instituído em 1918.

Daniela Auad (2003) afirma que por volta da segunda metade do século XIX, as mulheres na Europa e nos Estados Unidos iniciaram um movimento para conquistar seus direitos políticos e sociais, ou seja, votar e ter melhores condições de trabalho nas fábricas. Sua marca é a luta pelo voto. Mesmo que a primeira onda tenha começado no século XIX, ela teve seu fim somente quando o direito ao voto foi conquistado pelas mulheres, nos demais países.

Além dessas manifestações para conquistar espaço na política, o campo mais resistente ao ingresso feminino foi o da religião. Perrot (1998), explica que a exclusão das mulheres na esfera do sagrado está enraizada no monoteísmo. Há uma ideia de que Deus não tem sexo, mas que, ao se pensar nele, remete-se ao sexo masculino; por esse motivo, o Pai Eterno criou primeiro o homem, depois a mulher. O reconhecimento da mulher acontecia somente na esfera privada, em que se reconhecia nela uma alma; no entanto, ao proferir sua reza num espaço público, como a Igreja ou a capela, sua cabeça deveria estar coberta, demarcando nitidamente sua condição feminina. Percebe-se uma ruptura dessa barreira nas Igrejas luteranas e calvinistas, em que mulheres exerciam a função de pastoras. Mas foi através do catolicismo que “as mulheres eram excluídas da palavra e do sacerdócio”. (PERROT, 1998, p. 138).

Assimilando essa luta em prol de seus direitos, vale mencionar que essas manifestações fazem parte da história das mulheres e verifica-se a dificuldade em atingirem a emancipação tanto pessoal quanto pública. Nesse sentido, Perrot (2008) enfatiza que “o desenvolvimento da

história das mulheres acompanha em surdina o ‘movimento’ das mulheres em direção à emancipação e à libertação” (PERROT, 2008, p. 15).

Sobre o surgimento de uma história das mulheres, Perrot (2008) enfatiza que esta se iniciou na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos por volta de 1960 e, uma década depois, na França. Nas ciências humanas e na história em particular, diferentes foram os fatores imbricados na emergência do termo “mulher”, como: científicos, sociológicos, políticos. Através dos *fatores científicos* por volta de 1970, teve-se um processo de renovação das questões que se ligavam à crise dos sistemas de pensamento, como o marxista e o estruturalista, a modificação das alianças disciplinares e da proeminência da subjetividade. Inicialmente surgia a questão da mulher como sujeito. Os *fatores sociológicos* dizem respeito ao ingresso da mulher nas universidades. Por volta de 1970, constituem um terço das estudantes matriculadas, mas só ganham reconhecimento como docentes após a Segunda Guerra Mundial. Foram nos *fatores políticos* que as mulheres encontraram a maior barreira a ser rompida. Esse movimento teve propósitos mais teóricos, criticando os saberes caracterizados como universais com caráter predominantemente masculino. Uma de suas adeptas foi Simone de Beauvoir, na obra *Le Deuxième sexe*<sup>1</sup>.

Auad (2003) salienta que a publicação de *A mística feminina*, de Betty Friedan, em 1963, marcou o início da segunda onda feminista. Nesse livro, Friedan analisa *O segundo sexo* e formula novas propostas para reorganizar o movimento feminista. Nessa onda, a luta feminista une-se a outros movimentos que também batalham por direitos sociais e políticos, como o operário e o estudantil. De acordo com Auad (2003), em ambas as ondas é possível verificar a necessidade de um conhecimento teórico sobre a condição que as mulheres ocupam na sociedade.

Conforme Perrot (1992), em *Os excluídos da história: mulheres, operários e prisioneiros*, o século XIX demarca a divisão das esferas sexuais, em que homens e mulheres têm sua função e seu papel destinados dentro da sociedade na Europa Ocidental. A autora ainda enfatiza que o sistema patriarcal, no século XX, temia uma inversão nos papéis, feminino e masculino, em que a mulher emancipada reivindicaria seus direitos civis e políticos, ganhando

---

<sup>1</sup> BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

terreno também nas questões intelectuais e do acesso ao saber, não mais exercendo somente as tarefas de mãe, esposa e dona de casa. Esse renascimento da mulher desencadeava medo nos antifeministas, que viam e ainda veem essa ascensão do papel feminino como a degeneração da ordem social do mundo.

Merecem destaque os estudos referentes à questão da mulher desenvolvidos por Simone de Beauvoir. Lançados em 1949, época em que a expressão feminismo era algo ainda remoto, os dois volumes, *O segundo sexo: fatos e mitos* e *O segundo sexo: a experiência vivida* iniciam um questionamento sobre a situação feminina, abordando a diferença entre os sexos. No primeiro volume, a autora retrata os fatos e mitos da condição feminina. O segundo volume analisa a mulher nos planos sexual, psicológico, social e político. Simone de Beauvoir mostra-se à frente de seu tempo, toma consciência da situação inferior da mulher e, através dessas duas obras, abre um debate acerca da dependência do segundo sexo.

*O segundo sexo* é um estudo sobre a mulher e o papel que ela desempenha na sociedade. Partindo de uma perspectiva histórica e mítica, a autora mostra como a mulher sempre foi condicionada a um estado de escravidão ao homem, com os dois sexos nunca partilhando o mundo em condições de igualdade. E isso não é um fenômeno natural, mas sim cultural no qual a mulher é simplesmente colocada pelo homem como Outro e este vai se constituir como Um. Dessa forma, fica evidente que não foi a condição submissa das mulheres que determinou sua insignificância aos olhos da história, mas a sua insignificância histórica que as direcionou para a inferioridade.

Da moça solteira, passando pela mãe, esposa e até a prostituta, a mulher sempre se define em relação do homem, nunca por si própria, não é colocada em posição de sujeito, e sim de objeto. Essa situação *a priori* alavanca uma série de obstáculos nas relações de igualdade entre os sexos. Buscando por uma consciência autônoma ao longo dos tempos, a mulher só obteria liberdade e independência plena no momento em que se estabelecesse o direito de igualdade total entre homens e mulheres. Dessa forma, entende-se que foi através de seu ingresso no mercado de trabalho que as mulheres conseguiram cruzar a ponte que as separava do equilíbrio igualitário em relação aos homens, fazendo com que a atuação no espaço público lhes assegurasse autonomia e emancipação. Para Simone de Beauvoir (1949b, p. 9), “[...] ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma



que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto, intermediário entre macho e castrado que qualificam de feminino”.

O objetivo das feministas foi lutar pelo direito de igualdade das mulheres em relação aos homens. O movimento feminista lutou para que as mulheres tivessem os mesmos espaços e direitos que os homens, viabilizando oportunidades de igualdade para as mulheres que se viam circunscritas aos cuidados da casa, filhos e marido. As adeptas desse movimento contestavam o patriarcalismo como poder dominante na sociedade, nas relações pessoais e profissionais.

Ao voltar nossos olhos ao passado histórico das manifestações, sofrimentos e lutas das mulheres, é possível verificar que foi árdua a batalha na conquista por um espaço na sociedade. Com isso, a seguir, realizamos uma breve leitura do conto *Um par de meias de seda*, na tentativa de elucidar a tentativa de emancipação da personagem principal.

#### **A TENTATIVA DE EMANCIPAÇÃO EM UM PAR DE MEIAS DE SEDA**

*Um par de meias de seda* é mais um exemplo da maestria narrativa de Kate Chopin. Publicado em 1986 na coletânea de contos *Bayou Folk*, o conto narra a história de uma mulher que inesperadamente se encontra em poses de quinze dólares. Nesse conto, a protagonista foge das dificuldades impostas pelo poder hegemônico do seu casamento através do consumismo. A partir dessa posse inesperada de quinze dólares, é que Chopin instaura o mundo subjetivo da protagonista Sommers.

Esse acontecimento marca intensamente a vida da protagonista, pois inicialmente ela não sabe como utilizar o dinheiro, sofre pensando em fazer algo que depois possa se arrepender. Essa contradição de sentimentos enfatiza a influência do sistema patriarcal no papel da mulher – ser esposa e mãe. Essa angústia que se instaura em sua mente, mostra o grau ideológico de repressão do sistema patriarcal, pois como mãe deveria colocar os filhos acima de tudo. Porém, num impulso e num ato de autonomia plena, Sommers gasta todo o dinheiro, fazendo compras para ela mesma. O ato de comprar um par de meias de seda faz com que a protagonista viole os valores impostos pelas regras sociais da época, uma vez que a mulher deveria pedir permissão ao marido para comprar utensílios pessoais para si. O par de meias de seda desperta Sommers para o prazer sexual, sentimento antes nunca desfrutadas por ela:

Uma sensação de moleza e de desmaio havia tomado conta dela e afez apoiar a mão de qualquer jeito sobre o balcão. Ela estava sem luvas. Aos poucos foi percebendo que sua mão havia encontrado algo muito reconfortante, muito agradável. Olhou e viu que sua mão descansava sobre uma pilha de meias de seda. Um cartaz ali perto anunciava que estavam em promoção: de dois dólares e cinquenta centavos por um dólar e noventa e oito centavos. (CHOPIN, 2011, p. 20-21)

No livro *Minha História das Mulheres*, Michelle Perrot enfatiza que o saber e a feminilidade se repelem, pois o saber pertence a Deus e ao Homem, que é seu representante na terra. Segundo a autora, Eva é castigada justamente por insistir em ter acesso ao saber, este sendo comparado à tentação satânica. Ocorre com Sommers algo similar ao que acontece com Eva no Jardim do Éden. É como se o par de meias de seda fosse a serpente satânica do saber e tal como Eva, Sommers prova do fruto proibido. “Que coisa boa era o toque da seda pura em sua pele! Ela sentia vontade de se recostar na cadeira estofada e desfrutar, por um momento, do seu luxo”. (CHOPIN, 2011, p. 22).

Na época em que se situa o conto, o papel da mulher era o de um simples objeto de posse de seu marido e exausta tanto física quanto psicologicamente, Sommers chega a um momento de contemplação e ação. Ao comprar um par de meias de seda, ela vive um momento sensual que desperta o seu *eu* feminino. Porém, nesse início de emancipação feminina e na tentativa de construir-se como sujeito de seu próprio discurso, Chopin não emancipa totalmente sua personagem. Sommers prova do fruto proibido, mas é punida, escolhendo o par de meias de seda da cor preta, o que simboliza o seu estado de descontentamento à sua condição: “Aqui havia um par azul-claro; lá, alguns cor de lavanda; outros todos em preto, e vários em tons de bege e cinza. A sra. Sommers escolheu um par preto e olhou-o de forma demorada, bem de perto”. (CHOPIN, 2011, p. 21).

O fato de sentir a meia deslizar como uma serpente ente suas mãos se assemelha ao ato sexual, do qual a protagonista parece estar usufruindo naquele momento. Ao usar a meia de seda, as sensações e percepções de Sommers se ativam ainda mais, pois sente prazer e assim percebe que pode usufruir de momentos prazerosos fora de casa. A partir disso, a busca da individualidade e a descoberta do prazer sexual da protagonista se dá pelo uso do par de meias de seda, sendo este o catalisador de suas ações e o responsável pela descoberta do seu novo “eu”.

Mas Chopin vai além e mostra que sua heroína não está tentando se libertar, só, como mulher, mas também como mãe e esposa do lar. Ao entrar em posse com os quinze dólares, mesmo que a quantia seja modesta, a protagonista desfruta de momentos, que no lar, ao lado dos filhos e sobre a visão do marido, não lhe seriam possíveis: “[...] simplesmente não estava mais pensando. Naquele momento, parecia descansar daquela função laboriosa e fatigante, deixando-se levar por algum impulso mecânico que dirigia suas ações e libertava-a de responsabilidades” (CHOPIN, 2011, p. 21).

A protagonista sente que é merecedora de usufruir do bom e do melhor que a vida pode oferecer, mas nem sempre teve livre arbítrio para se deixar levar pelo desejo devido à condição imposta à mulher pela sociedade patriarcal. Com isso, “essa lição de vida ultrapassa um feminismo de programa porque diz respeito ao desejo feminino individual, pura essência” (MASINA, 2011, p. 162).

Dessa maneira, o par de meias de seda incorpora em Sommers, o poder da sedução, mostrando que ela é uma mulher que pode seduzir, amar e esnobar, sentimentos que, quando reclusa ao lar, só lhe eram permitidos em pensamento. Assim, a tentativa de emancipação “trata-se da tradução e do efeito de uma tomada de consciência ainda mais vasta: a da dimensão sexuada da sociedade e da história” (PERROT, 2008, p. 15).

Com isso, ela é também seduzida a comprar um par de sapatos, um par de luvas e também duas revistas. Estes três elementos exercem poder simbólico muito importante no percurso da protagonista, pois o sapato e a luva aliados à meia de seda concretizam a vontade pelo poder de sedução. Enquanto circunscrita a esfera do lar, os conhecimentos da protagonista se restringem a livros de receitas, à Bíblia, ou seja, a informações que primam pelo bem-estar dos filhos e marido. A revista representa o acesso a outro tipo de conhecimento, não, mais aquele do lar. Tal ato não deixa de representar um possível desejo de ingressar no mundo do trabalho, uma vez que, em pleno século XIX “o ideal vitoriano é o de um pai de família que seja o único assalariado e de uma mãe dona de casa” (PERROT, 1998, p. 101).

Percebemos, então, o alto grau de repressão que se encontra a protagonista, pois ao invés de usufruir disso em outra ocasião, a protagonista faz o contrário, ou seja, ela descobre que a vida deve ocorrer no presente. Almoçar em um bom restaurante instaura em Sommers a questão de que ela também precisa entrar em contato com o prazer gastronômico, degustar de uma boa alimentação, ato pouco praticado enquanto dona do lar; de ser servida e, não, mais servir:

Não queria uma profusão de coisas: estava era louca para comer algo bonito e saboroso – meia dúzia de ostras, uma bela chuleta de porco com agrião e alguma sobremesa –, um *creme-frapée*, por exemplo; uma taça de vinho do Reno e, para finalizar, um café preto... xícara pequena. [...] Ela experimentou uma garfada, leu uma ou duas palavras, bebericou do vinho de âmbar e movimentou os dedinhos dos pés nas meias de seda. O preço daquilo não fazia a menor diferença. Contou o dinheiro a ser entregue ao garçom e deixou uma moeda a mais em sua bendeja, diante do que ele lhe fez uma reverência como se estivesse diante de uma princesa de sangue azul (CHOPIN, 2011, p. 23).

Com isso, Sommers ultrapassa uma linha divisória: no lar, um mero objeto; na rua, sujeito. Já o contato com o mundo artístico, através do teatro, mostra que seu estado emocional não está relegado à anulação, mas que poderia ser expresso em qualquer situação, principalmente durante o ato sexual. Nas palavras de Chopin: “Ela riu da comédia e chorou – ela e a mulher vistosa sentada ao seu lado choraram com a tragédia. E elas trocaram umas palavras sobre a peça” (CHOPIN, 2011, p. 24). A protagonista se depara com outras mulheres repreendidas pela sociedade e experiencia de sentimentos proporcionados pelo mundo artístico. Enquanto objeto do sistema patriarcal, a mulher não deveria expor seus sentimentos, caso contrário, as estruturas do lar poderiam ser abaladas.

Sommers procura fora de casa o que não usufrui dentro dessa, ou seja, percebe que o caminho para a libertação acontece quando descobre que há outra possibilidade para ela, não, somente, a casa, os filhos e o marido: “Era como o fim de um sonho. As pessoas se espalharam em todas as direções. A sra. Sommers foi até a esquina e esperou pelo bonde elétrico” (CHOPIN, 2011, p. 24).

O ápice da emancipação da protagonista é entrar em um bonde. Ao sentar, depara-se com um homem, que com olhar atento e fascinante a olhava incessantemente, com o intuito de desvendar o mistério na face da bela mulher. Num ato pleno de emancipação, a protagonista exerce toda a mudança que o contato com a moda exerce sobre sua personalidade. A partir desse momento, o leitor percebe que as percepções acontecem no interior da personagem. De acordo com Masina: [...] a pequena Sra. Sommers é movida por um sentimento íntimo que a faz sobreviver psiquicamente, esquecendo meias e camisas dos filhos e dando a si própria momentos necessários de prazer” (MASINA, 2011, p. 163).

O sentimento de liberdade e sensualidade que o contato com a moda e de situações favoráveis à sua emancipação, transcendem do interior para o exterior da protagonista, fazendo demonstrar essa auto-afirmação para o homem sentado ao lado oposto ao dela no bonde. A

vontade que Sommers possui, de que o bonde nunca pare lembra o mito da Cinderela no retorno ao baile, ainda na carruagem: “[...] uma imensa vontade de que o bonde não parasse jamais em lugar algum, mas que seguisse com ela para sempre” (CHOPIN, 2011, p. 24). O retorno para casa a faz perceber que, no momento, que lá chegar, o encanto se quebrará, mas mesmo assumindo o posto de “gata borralheira”, em Sommers, agora, habita uma nova mulher.

Com isso, Kate Chopin criou uma personagem com características próprias e nos mostra como Sommers descobre a felicidade através de um par de meias de seda. De acordo com uma perspectiva feminina, a compra do par de meias de seda e a ida ao teatro são momentos de emancipação para uma mulher repreendida pelos valores morais da época. Já, se o autor da obra fosse um homem, alguns autores de perspectiva masculina enunciariam que a mulher estaria fugindo de suas obrigações de esposa e mãe, e que deveria ser punida. Com isso, busca-se refletir sobre as desigualdades entre homens e mulheres que ainda existem, mas que prevaleciam em maior escala no século XIX.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, o objetivo principal foi fazer uma análise da emancipação feminina da protagonista Sommers, no conto *Um par de meias de seda* e, para tanto, teve-se como sustentação teórica os princípios da soberania masculina e a condição da mulher ao longo dos anos. O objetivo foi alcançado, uma vez que, a teoria apresentada faz refletir sobre a condição da protagonista na história analisada. Além disso, revitalizar e apontar a atualidade da obra de Kate Chopin é fundamental, tanto para a fortuna crítica da escritora norte-americana como para problematizar questões suscitadas em suas produções estéticas.

A leitura de *Um par de meias de seda* proposta neste trabalho, não é a única possível e nem se esgota a possibilidade de surgirem demais análises e discussões desse conto. Chopin criou uma narrativa com várias questões a serem discutidas, devido aos diversos sentidos ali colocados.

O conto retrata a situação de uma mulher, que presa ao patriarcalismo, vê uma possibilidade de libertação, ao se deparar em posse de quinze dólares. Primeiramente, pensa em comprar algo para os filhos, mas se dá conta de sua condição e por isso, resolve gastar o dinheiro com ele mesma, num ato que representa a luta das mulheres pela independência, seja financeira, social ou sexual.

Esta análise teve como foco principal fazer perceber a tentativa de emancipação da protagonista chamando atenção para o contundente alerta presente no conto em relação à condição de inferioridade que as mulheres foram relegadas durante muitos anos. A heroína de Kate Chopin possui voz própria dentro do conto analisado, revela-se uma personagem que representa um desejo e um ideal feminino da autora pela emancipação e direito de igualdade da mulher. Por meio de *Um par de meias de seda*, a escritora recria a cultura da época em que viveu, mostrando a possibilidade de desmistificar alguns preceitos impostos à mulher numa sociedade dominada pelo patriarcalismo. Nesse sentido, ao elaborar este trabalho, pretende-se estabelecer uma importante contribuição para a fortuna crítica de Kate Chopin e para novas pesquisas na área da literatura norte-americana.

#### **THE FEMININE EMANCIPATION IN LITERATURE: A READING OF A PAIR OF SILK STOCKINGS, BY KATE CHOPIN**

**ABSTRACT:** This paper aims at analyzing the female emancipation of the main character *A pair of silk stockings* (1989), by North-American writer Kate Chopin. The methodology that permeated this study is given by a bibliographic research with a qualitative approach. Contribute to it as a theoretical basis the postulations of Perrot (1991, 1992, 1998, 2008), Auad (2003) and Beauvoir (1949a, 1949b) on the status of women over time. The research showed that Kate Chopin presents the female condition in the nineteenth century and, by creating her heroine, Sommers, Chopin engenders in it her own thoughts as a writer and woman ahead of her time and disclosure the forms of abuse against woman.

**KEYWORDS:** emancipation of woman, A pair of silk stockings, genre

#### **LA EMANCIPACIÓN DE LA MUJER EN LA LITERATURA: UNA LECTURA DE UN PAR DE MEDIAS DE SEDA, KATE CHOPIN**

**RESUMEN:** Este trabajo tiene como objetivo principal analizar la práctica de la transgresión emancipatorio de la protagonista de la historia *Un par de medias de seda*, el escritor estadounidense Kate Chopin. La metodología que ha impregnado este estudio es a través de una investigación bibliográfica con enfoque cualitativo. Contribuir a ella como la base teórica postula Perrot (1991, 1992, 1998, 2008), Auad (2003) y Beauvoir (1949a, 1949b) sobre la situación de las mujeres a través del tiempo. La investigación mostró que Kate Chopin presenta la situación de las mujeres en el siglo XIX y para construir su héroe, el Sr. Sommers, que engendra pensamientos modernos como un escritor y una mujer adelantada a su tiempo, denunciando así formas de abuso contra mujer.

**PALABRAS CLAVE:** emancipación femenina, Un par de medias de seda, género

## REFERÊNCIAS

- AUAD, D. *Feminismo, que história é essa?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.
- BÍBLIA SAGRADA. *Antigo e Novo Testamento*. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 36. ed. São Paulo: Editora: Ave Maria, 1982.
- CHOPIN, K. Um par de meias de seda. In: VIÉGAS-FARIA, B.; BROSE, E.; CARDOSO, B. M. (Org.). *Kate Chopin: contos traduzidos e comentados: estudos literários e humanidades médicas*. Trad. Márcia Knop. Porto Alegre: Luminara, 2011. p. 19-24.
- ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Trad. Leandro Konder. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- MASINA, L. Despindo um par de meias de seda. In: VIÉGAS-FARIA, B.; BROSE, E.; CARDOSO, B. M. (Org.). *Kate Chopin: contos traduzidos e comentados: estudos literários e humanidades médicas*. Porto Alegre: Luminara, 2011. p. 161-163.
- PERROT, M. Figuras e papéis. In: PERROT, M. *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, v. 4. p. 121-186.
- PERROT, M. *Os excluídos da história: mulheres, operários e prisioneiros*. 2. ed. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PERROT, M. *Mulheres públicas*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- PERROT, M. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M. S Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.
- ROBLES, M. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. Trad. William Lagos e Débora Dutra. São Paulo: ALEPH, 2006.

Recebido em junho de 2016.

Aprovado em janeiro de 2017.